

**TRAJETÓRIAS DE VIDA VULNERÁVEIS: PESSOAS LGBTI+  
Jovens; Idosas e Mulheres Trans – RESULTADOS DO PROJETO  
ÍRIS (PORTUGAL)**

*Eixo Temático 35 – Violências Contra Pessoas LGBTI+: Reflexões a  
partir da Pesquisa, da Prática Profissional e do Ativismo*

Cristina Pereira Vieira <sup>1</sup>  
Sofia Neves <sup>2</sup>  
Mafalda Ferreira <sup>3</sup>  
Joana Topa <sup>4</sup>  
Janete Borges <sup>5</sup>  
Edgar Sousa <sup>6</sup>  
Rodrigo Costa <sup>7</sup>  
Helena Rocha <sup>8</sup>  
Lourenço Silva <sup>9</sup>  
Paula Allen <sup>10</sup>

**RESUMO**

Toda a relação de violência assenta num jogo de poderes desequilibrados (valores do patriarcado delimitados por normas hétero e cis). O impacto imediato da violência em pessoas LGBTI+ assume uma grande intensidade de discriminação, pondo em causa os direitos e liberdades fundamentais. A comunicação reflete sobre a violência contra pessoas LGBTI+, partir da pesquisa realizada no âmbito do Projeto IRIS, (implementada através da técnica de Focos Group), dando voz a pessoas da academia, coletivos e associações - pessoas que trabalham/interagem direta ou indiretamente com

---

<sup>1</sup> Universidade Aberta; CIEG/ISCSP, [cvieira@uab.pt](mailto:cvieira@uab.pt);

<sup>2</sup> Universidade da Maia; CIEG/ISCSP; Associação Plano i, [asneves@ismai.pt](mailto:asneves@ismai.pt);

<sup>3</sup> Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; CIEG/ISCSP; Associação Plano i, [maf\\_gonf@hotmail.com](mailto:maf_gonf@hotmail.com);

<sup>4</sup> Universidade da Maia, [jtopa@ismai.pt](mailto:jtopa@ismai.pt);

<sup>5</sup> Universidade da Maia, [jborges@ismai.pt](mailto:jborges@ismai.pt);

<sup>6</sup> Associação Plano i; Universidad de Almería, [edgarsousap@icloud.com](mailto:edgarsousap@icloud.com);

<sup>7</sup> Associação Plano i, [rodrigo.psy.uac@gmail.com](mailto:rodrigo.psy.uac@gmail.com);

<sup>8</sup> Associação Plano i, [hmachador@gmail.com](mailto:hmachador@gmail.com);

<sup>9</sup> Associação Plano i, [lourenxo.ex@gmail.com](mailto:lourenxo.ex@gmail.com);

<sup>10</sup> Associação Plano i, [paula.allen.0977@gmail.com](mailto:paula.allen.0977@gmail.com);

peças LGBTI. Através dos discursos, percebemos como, nomeadamente, as pessoas LGBTI+ Jovens; Idosas e Mulheres Trans, vivenciam diferentes formas de agressões: física, sexual, psicológica, emocional ou persecutória.

**Palavras-chave:** pessoas LGBTI+ Jovens; Idosas e Mulheres Trans; Pessoas LGBTI+ vítimas; Trajetórias de Vidas violentas

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde define violência como o uso propositado da força física (em forma de ameaça ou real), contra a própria pessoa ou contra outra(s) (WHO, 2002). Quando nos centramos na violência contra outra pessoa, percebemos que há uma elevada probabilidade de resultar em lesões, morte ou danos psicológicos. Toda a relação de violência assenta num jogo de poderes desequilibrados, o que torna crucial que as desigualdades sejam tidas em conta. Se olharmos para a complexidade das estruturas sociais e dos seus mecanismos de interação percebemos que ao longo da história, são reproduzidas desiguais relações de poder, assentes em valores do patriarcado, colocando a vida da vítima em risco. (DeKeseredy, 2001; Dobash & Dobash, 2003; Gordon, 2000; Harway et al., 2002; Lisboa et al., 2006; 2007; 2008). A violência contra pessoas LGBTI+ assume uma grande intensidade de discriminação e de violação dos direitos e liberdades fundamentais destas pessoas, que sofrem a partir de um sistema de relações, orientações e expressão de género assimétricas, com impacto na integridade física e saúde da vítima (FRA, 2014; European Union Agency for Fundamental Rights, 2020). Assim sendo, dirigimos a nossa comunicação para a violência contra pessoas LGBTI+, percebidas como pessoas vulneráveis e vítimas de complexas trajetórias de vida, no contexto da sociedade hétero e cis normativa – onde se vivenciam diferentes formas de agressão: física, sexual, psicológica, emocional ou persecutória.

## METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Foram entrevistadas 50 pessoas LGBTI, (ex)vítimas de violência doméstica. Os critérios de inclusão para participação neste estudo foram: i) ser uma pessoa autoidentificada como LGBTI; ii) ser ou ter sido vítima de violência doméstica; iii)

ausência de deficiência cognitiva ou perturbação mental impeditiva de participação; iv) ser maior de 18 anos; v) falar ou compreender português.

O guião da entrevista incluiu uma breve apresentação do estudo e foi subdividido em três partes: i) trajetória de vida; ii) trajetória de vitimação; e, iii) sistema de proteção às vítimas de violência doméstica LGBTI.

Todos os princípios éticos foram garantidos, assegurando o anonimato dos/as participantes, através da assinatura de um termo de consentimento informado. Todos os dados foram integralmente transcritos e analisados através da metodologia de análise de conteúdo temática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do estudo desenvolvido pelo Projeto ÍRIS, damos voz a vários discursos de pessoas, da academia e da sociedade civil através dos coletivos e associações, que trabalham direta ou indiretamente com pessoas LGBTI+. Iniciamos esta reflexão pelas Pessoas Jovens, que apresentam uma grande vulnerabilidade aquando da descoberta da sua orientação/identidade/expressão de género não normativa – tendo em conta que os sistemas de representações das pessoas LGBTI+ ainda assentam na “anormalidade” (Weeks, 1989). E neste contexto, para além de padecerem do estigma social, sofrem igualmente da ausência e abandono da retaguarda familiar. Num período da vida em que as pessoas jovens vivem diferentes movimentos de incerteza social, entre períodos de formação escolar (prosseguir estudos e entrarem para a universidade) ou a entrada para mercado de trabalho (com ciclos de emprego/desemprego/emprego...) (Pais, 2000, 2001; Vieira, 2012, 2020), as pessoas jovens LGBTI+ são frequentemente abandonadas à sua sorte. É neste contexto, com registos de ausência de retaguarda familiar (sem apoio financeiro e emocional) que percebemos como estas pessoas ficam frágeis e desorientadas. Neste estudo há duas situações que se destacam e que reforçam este percurso de vida instável e inseguro. Por um lado, há discursos onde são descritas situações de Jovens cuja “trajetória de vida dita normativa ou positiva em termos de integração” (1.FG.ONG.F.28) – com destaque para a descrição de percursos integrados ao nível escolar, familiar e na relação de pares. Mas a partir do momento da revelação da sua orientação ou identidade de género não normativo, tudo muda e a vidas destas pessoas são projetadas para uma plataforma de grande fragilidade, toda a estabilidade é



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

fragmentada, abrindo brechas e dando origem a vários danos e perdas. E por outro lado, os discursos mostram que há Jovens cuja trajetória de vida assenta em percursos de vulnerabilidade, ou porque viveram já uma série de situações de institucionalizações, ou porque saem de casa da família por vivenciarem situações de agressão e acabam por optar (opção forçada) por irem viver com namorado/a. Contudo, frequentemente, esta relação íntima, que acontece com uma pessoa mais velha, ativa profissionalmente e com poder económico, evolui para quadros de violência, situação que deixa, de novo, estas pessoas jovens desprotegidas. Nos discursos, as famílias aparecem ainda como espaços de “microagressões”, potenciando contextos de violência continuados, num quotidiano que reforça o sofrimento das pessoas mais jovens - nomeadamente, quando em processo de construção identitária são confrontadas com discursos homofóbicos. “...Uma vez tivemos uma mãe cujos amigos ... já depois de saberem que o filho era gay, continuavam a fazer piadas homofóbicas e coisas assim e isso...”(1.FG.ONG.F.43). Ou seja, persiste uma masculinidade hegemónica que reforça a invisibilidade de todo o contexto não normativo (Enguix, 2020; Vieira, 2020). A violência intrafamiliar é agravada quando são pessoas jovens Trans, sujeitas a condutas de controlo e privação de liberdade – por exemplo quando estas pessoas são afastadas da circulação do espaço casa, ficando confinadas ao seu quarto - há aqui uma espécie de vergonha principalmente, aquando o processo da sua transição social e quando a situação não é validada pela família. Estas situações são agravadas no contexto de confinamento da COVID 19. Nomeadamente, quando ainda não houve “revelação“ da sua Orientação/identidade ou expressão de género. E neste contexto, as pessoas jovens são forçadas a ocultarem, 24h sobre 24h, e a controlarem toda a exteriorização da suas vidas - o que implica gerir toda a sua vida a partir de uma permanente representação. Esta situação, ainda que latente, é percebida como um agravamento de outras formas de violência pré-existente. Assim estas pessoas jovens confinadas sentem-se expostas a novas formas de controlo, o que reforça a já existente assimetria de poder e a dificuldade de ocultação às famílias, afetando a sua saúde física e mental. Assim sendo, a fase da adolescência, que por si só já complexa, fica mais complicada quando há um peso negativo dos pares e da família. A família como retaguarda para uma pessoa jovem é sem dúvida um espaço importante para assegurar e dar apoio emocional e económico, assegurando a logística de uma vida que está em crescimento e que ainda não atingiu a maturidade. Contudo, os discursos desta pesquisa mostram que este apoio não só não é

garantido, mas também, e sendo o espaço família um espaço privado, como aparece, frequentemente, como um espaço de violência latente, ou efetiva. Um outro grupo, que no contexto da sociedade moderna, sofre de estigma e assume condições de grandes fragilidades, é o das Pessoas Idosas (Ribeiro & Vieira 2015). Contudo, se dirigirmos o nosso olhar a partir de uma perspectiva interseccional percebemos que as pessoas idosas LGBTI+ estão sujeitas a sistemas de opressão e discriminação agravadas. De acordo com o estudo da Universidade de Washington (Fredriksen-Golsen et al., 2013), as pessoas idosas gays lésbicas, e bissexuais sofrem maior solidão e apresentam mais quadros depressivos, dada a discriminação que vivenciam - quem não assumiu publicamente o seu companheiro(a) vive situações de isolamento agravadas. O mesmo estudo revela, ainda, que há uma maior resistência na procura de cuidados médicos o que implica um maior risco de doença. Neste contexto, é referido que quatro em cada dez idosos homossexuais admitem que pensam em suicídio. Também a partir da investigação do Projeto IRIS, os discursos mostram que as pessoas vivem vulnerabilidades acrescidas e reforçam que há muitas dificuldades em dar apoio a partir de estruturas criadas de acordo com modelos binários e heteronormativos. As pessoas idosas que fizeram a transição têm dificuldade em encontrar respostas institucionais de acolhimentos. As instituições estão pensadas para aceitar determinados corpos normativos e sem abertura para pessoas LGBTI+. Há ainda um terceiro grupo que gostaríamos de destacar: o das Mulheres Trans. No percurso de uma Mulher trans, para além de todas as dificuldades inerente ao processo, há ainda a dificuldade acrescida de se assumir na condição de mulher, mulher Tras, assumindo um novo papel social - o que implica participar em situações de desigualdade social e sofrimento. Se dirigirmos a nossa atenção para estruturas sociais patriarcais, encontramos a perpetuação de hierarquias de dominação e privilégios que naturalizam e legitimam a opressão das mulheres (Bourdieu, 1999), criando assim, a partir das convenções estabelecidas, condições que permitem aos homens perpetrar atos de violência dentro de relações íntimas (Dobash et al., 2003; 2007; York, 2011). E simultaneamente associada ao estereótipo da “necessidade de mostrar que não é uma mulher que quer ser uma mulher” há que aprender a lidar com a violência (efetiva e simbólica) inerente ao papel do feminino na sociedade. Se olharmos para as complexas estruturas sociais e para os diferentes mecanismos de interação entre os espaços públicos e as esferas sociais, vemos uma distribuição desigual do poder entre homens e mulheres, que legitima a

prevalência da autoridade como expressão válida da identidade de uma masculinidade hegemónica e tóxica (Begonya, 2020; Santos, 2020; Pérez-Martínez et al., 2020; Vieira, 2017, 2020). A violência simbólica que no quotidiano a pessoa Trans está exposta fica marcada pela sua trajetória, pela visibilidade sentida como “acusatória”, pelo sofrimento e o olhar reprovador da sociedade - no caso das trabalhadoras do sexo, com agravante de ser mulher Trans: “...é um dado muito assustador...” (3.FG.ONG.F.33). As pessoas Trans são ignoradas e silenciadas em todo o processo complexo de transição, que vai para além da hormonioterapia e cirurgia – “Infelizmente nós sabemos perfeitamente como disse (\*\*\*\*\*) que o facto de alguém fazer um processo de transição não é único e simplesmente tomar hormonas ou fazer uma cirurgia. Existe toda uma panóplia de situações até lá chegar. Regra geral são completamente desprezadas e são silenciadas.” (3.FG.ONG.F.41).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, nesta pesquisa, percebemos que os discursos mostram que, associada à questão da violência estão as relações de poder, numa hierarquia desigual, onde sobressai a discriminação e a violação dos direitos e liberdades fundamentais da vítima LGBTI+. O que nos faz alertar para a necessidade de intervir junto das famílias e da sociedade que em algum momento, promoveu, de forma latente ou efetiva, a violência em pessoas LGBTI+.

## REFERÊNCIAS

Bourdieu, P. (1999), *A dominação masculina*, Oeiras, Celta Editora.

DeKeseredy, W. S. (2011). *Violence against Women: Myths, Facts, Controversies*. Ontario: University of Toronto Press.

Dobash, R.P., & Dobash, R.E. (2003). Violence in intimate relationships. In W. Heitmeyer & J. Hagan (Eds.), *International Handbook of Violence Research* (pp. 737-752). London, UK: Kluwer.

Enguix, B. (2020). Gender, Sexuality and Affects: current becomings. In Enguix, B. & Vieira, C .P. (Eds). *Sexualities, Gender and Violence: A View from The Iberian Peninsula* (pp. 113-128). Nova Science Publishers. (ISBN: 978-1-53618-173-9)

European Union Agency for Fundamental Rights. (2020). *A long way to go for LGBTI equality*.  
Publications Office of the European Union.

FRA - European Union Agency for Fundamental Rights (2014). Violence against women: an  
EU-wide survey - Main results. Retrieved from:  
[https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/fra-2014-vaw-survey-main-  
results-apr14\\_en.pdf](https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2014-vaw-survey-main-results-apr14_en.pdf)

Fredriksen-Golsen, K.I.; Kim, L.; Hoy-Ellis, C.; Goldsen, J. ; Jensen, D.; Adelman, M.; Costa,  
M.L.; Vries, D. B. (2013). LGBT Older Adults in San Francisco:Recommendations for  
the Future Report prepared for the LGBT Aging Policy Task Force, San Francisco, CA  
Report published by Institute for Multigenerational Health, University of Washington,  
Seattle, WA: disponível em [https://depts.washington.edu/agepride/wordpress/wp-  
content/uploads/2013/07/SF-LGBTOlderAdultsFINAL7-10-13.pdf](https://depts.washington.edu/agepride/wordpress/wp-content/uploads/2013/07/SF-LGBTOlderAdultsFINAL7-10-13.pdf)

Harway, M.; Geffner, R.; Ivey, D.; Koss, M.; Murphy, B.; Mio, J.; O'Neil, J. (2002). *Intimate  
Partner Abuse and Relationship Violence*. Washington: American Psychological  
Association. Retrieved from: [https://www.apa.org/about/division/activities/partner-  
abuse.pdf](https://www.apa.org/about/division/activities/partner-abuse.pdf)

Gordon, M. (2000). Definitional Issues in Violence against Women: Surveillance and Research  
From a Violence Research Perspective. *Violence against Women*, 6(7): 747-783.

Lisboa, M.; Barros, P. P.; Cerejo, S. D. (2008), Custos Sociais e Económicos da Violência  
Exercida Contra as Mulheres em Portugal: dinâmicas e processos socioculturais. Atas do  
VI Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia.

Lisboa, M.; Barros, P. P.; Cerejo, S. D.; Barrenho, E. (2007), Custos Económicos da prestação  
de cuidados de saúde às vítimas de violência. Direcção-Geral da Saúde. Comissão para a  
Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Lisboa, M. (org); Carmo, I.; Vicente, L. B.; Nóvoa, A.; Barros, P. P.; Roque, A.; Silva, S. M.;  
Franco, L.; Amândio, S. (2006), Prevenir ou Remediar. Os custos sociais e económicos  
da violência contra as mulheres. Lisboa: Edições Colibri.

Pais, J.M. (2000), 'Transition and youth cultures: forms and performances', *International Social  
Science Journal*, nº 164, 219-232.

Pais, J.M. (2001), *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*, Porto, Âmbar.

Ribeiro, A., & Vieira, C.P., (2015). *Diagnóstico intra-organizacional: A sexualidade no cotidiano da pessoa idosa institucionalizada*. P: 307-326. In “*Diagnóstico social. Teoria, metodologia e casos práticos*”. Coordenadores: Fialho, Joaquim; Silva, Carlos; Saragoça, José. Lisboa: Edições Sílabo. Depósito Legal: 402637/15 ISBN/ 978-972-618-837-7

Pérez-Martínez, V; Sanz-Barbero, B.; Ferrer-Cascales, R.; Bowes, N.; Ayala, A.; Sánchez-SanSegundo, M.; Albaladejo-Blázquez, N.; Rosati, N.; Neves, S.; Vieira, C. P.; Jankowiak, B.; Waszynska, K.; Vives-Cases, C. (2020). "The Role of Social Support in Machismo and Acceptance of Violence among Adolescents in Europe. Lights4Violence Baseline Results". *Journal of Adolescent Health* (pp. 1-8) <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.09.007>.

Santos, L. (2020). Men Behind the Mask: the epistemology of difference. In Enguix, B. & Vieira, C .P. (Eds). *Sexualities, Gender and Violence: A View From The Iberian Peninsula* (pp. 113-128). Nova Science Publishers. (ISBN: 978-1-53618-173-9)

Vieira, C. P. (2020). Portuguese Youth’s Discourses on Masculinity: Broken Silences. In Enguix, B. & Vieira, C .P. (ed.). *Sexualities, Gender and Violence: A View from the Iberian Peninsula* (pp. 113-128). Nova Science Publishers. (ISBN: 978-1-53618-173-9).

Vieira, C. P. (2017). Sexualidade e Género: Educar para um Social Plural. In *Violência de Género*. Neves, S. & Costa, Dália (ed.) (pp. 317- 337). Edições CIEG. (ISBN 978-989-646-122-5).

Vieira, C. P. (2012). *Eu Faço Sexo Amoroso - A Sexualidade dos Jovens pela Voz dos Próprios*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Weeks, J. (1989), *Sex, politics & society*, London e New York, Longman.

WHO - World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization.

York, M. R. (2011). *Gender Attitudes and Violence against Women*. El Paso: LFB Scholarly Publishing.